

## Imagens e imaginário: até onde vai esta relação?

Luci Hildenbrand (NUTE/PROEGUNIG)

À primeira vista não parece simples responder a questão trazida pelo título do texto em pauta. De imediato, concebemos imagens como elementos que afetam direta e tão-somente o olhar. Em consonância com esta compreensão, enumeramos tantas delas: letras são imagens do mesmo modo que sinais também são.

Desenhos, fotografias e fotogramas fazem parte do imensurável universo de imagens comuns à vida diária, tal como aquelas presentes nos programas de DVD, nos videogames, na internet, nas recém capturadas pelas câmeras digitais. Este recorte de um mundo, privilegiadamente imagético, concorre, de modo acirrado, para a construção do conceito que temos acerca do que seja imagem.

Imagens podem ser fixas ou móveis – os diversos meios tecnológicos mostram isto com clareza e, por meio deste critério, até, podem ser agrupados diversamente. É claro que os atributos conferidos às imagens seduzem, em maior ou menor grau, o observador. Mas, se pensarmos nas imagens de maneira mais ampla, veremos que elas se fazem constar não apenas no que nos propiciam à estimulação visual, mas ainda no que incitam, genericamente, à percepção como um todo. Não importa, pois, a natureza do estímulo, ou seja, a sua ordem; importa, sim, que desencadeie reações, sensações e emoções ligadas ao processo perceptivo.

Não resta dúvida de que os elementos decorativos que adornam as partes de nossas casas garantem-nos imagens mentais: os quadros, os sofás – enquanto cor, textura, forma – padronagem e material que compõem as cortinas, as almofadas, os tapetes. Além deste tanto, outros exemplos poderiam ser o formato da cúpula do abajour, o *design* da pia do banheiro, os padrões tonais e gráficos dos panos de prato ou dos pegadores de panelas, a plaquinha de boas-vindas posta à entrada da casa onde se lê “aqui nós mora”.

Nesta vastidão de coisas e objetos, há alguns que, embora não parecendo imagens, também são à medida que desencadeiam respostas psíquicas e/ou cognitivas. Pronuncie em voz alta as palavras elencadas ou, simplesmente, pense: cadeira de palha, cadeira de balanço, cadeira de diretor, cadeira de escritório, cadeira de dentista, cadeira giratória, poltrona *bérgère*, poltrona Luiz XV, poltrona Michele, poltrona boneca, puff, banco de igreja, banco de moto, banco de automóvel, banqueta de bar, banquinho de jardim, *chaise longue*, sofá de dois lugares, sofá em L...

Independentemente de ter procedido à leitura em voz alta, ou não, é certo que tentou discriminar os 21 (vinte e um) tipos de objetos citados pelas palavras e, assim, lançou-se à busca das imagens mentais procedentes. Todos os conceitos (concretos) compostos anteriormente pautam-se em tipos distintos de assentos e, neste processo, pretendeu-se recuperar à lembrança imagens de objetos que, ao longo dos tempos, foram construídas na relação homem-mundo real. Desta maneira, o exemplo serve, minimamente, para nos permitir afirmar que a recuperação de imagens mentais não requer a exposição do sujeito ao objeto referido.

Se isto é claro, considere agora que, rotineiramente, se exponha à programa de rádio de certa estação, onde atua um locutor por quem desenvolveu considerável apreço: considera-o pessoa agradável; elegante no contato com os radiouvintes; inteligente na abordagem das questões,

tratando-as em profundidade sem comprometer, entretanto, a compreensão das mesmas; nitidamente atualizado, sensato, respeitoso e dotado de bom-humor indescritível. Admita, ainda, hipoteticamente, que sua relação com tal locutor é diária e que, além das qualidades pessoais a ele atribuídas, construiu uma imagem acerca daquela pessoa que entra na sua vida cotidiana de uma forma mediada: é um homem com idade entre 37 e 45 anos, alto, moreno claro, e dotado de rosto com formato que se assemelha ao de alguém conhecido.

Foi exatamente a partir do seu modo de perceber o outro que, gradualmente, foi compondo, conferido, elaborando estes traços especiais. Construção, aliás, que é guardada por você – radiouvinte – com muito carinho e que talvez mais ninguém tenha elaborado imagem igual.

A voz do locutor, seu jeito ímpar de explorar a linguagem – dizendo ou deixando de dizer - ao lado de tantas outras constatações, levaram-lhe a conceber que aquele profissional do rádio age desta e não de outra maneira.

De repente... eis que o locutor, que vivia resguardado do mundo pela cabine da emissora radiofônica e que vivia até então num mundo inatingível por seu olhar, surge à telenha da tevê: agora, ele não é apenas voz; é também corpo e sua imagem real não corresponde à imagem mental construída por você. Não há nada impróprio nisto. Nós, homens, construímos, desconstruímos e construímos imagens; também nos alimentamos delas. Nossas imagens não pretendem dar conta das que estão no mundo; são apenas as que geramos com base naquilo que concebemos, percebemos, admitimos... A importância delas, por tanto, não está em cobrir o real, replicando-o com fidelidade; sua relevância é de outra ordem: devem garantir elementos mentais básicos à construção do pensamento; elementos essenciais à configuração de um imaginário individual vivo e em permanente mutação, evolução, transmutação. Sendo assim, neste caso, não importa o meio que transmite a mensagem; importa que, a partir da mensagem veiculada, o homem constrói imagens mentais indispensáveis ao seu equilíbrio e desenvolvimento psíquico-afetivo-intelectual. E que elas, de maneira ímpar, intervêm em nossa identidade, no modo único de nos pormos ante o mundo, de desvendarmos este mesmo mundo, de assumirmos nossa condição de atores ou de meros espectadores dele.

Em síntese: a relação imagem-imaginário é estreita, complexa, profunda; imagens alimentam o imaginário e são por ele alimentadas quando interferem, então, na forma com que olhamos, enxergamos, alcançamos o entorno e, por conseguinte, não há como estabelecer os limites entre uma coisa e outra; há apenas como sublinhar a relação dialética que as sustenta e nos alimenta, inclusive no plano simbólico.

Por isto, ao término do texto, quem ousaria limitar o escopo da pergunta trazida pelo título-questão – imagens e imaginário: até onde vai esta relação?